

Como fazer uma análise de conjuntura | Carta semanal 42 (2024)



Helen Zughaib (Líbano), *Lendo xícaras de café*, c. 2021.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

A leitura da mídia ocidental — que **domina** a ordem mundial da informação — é dolorosa. Durante a guerra genocida contra os palestinos, por exemplo, esses meios de comunicação (como *CNN*, *The New York Times*, *The Guardian*, *Le Monde* e *Bild*) não têm descrito os ataques militares israelenses aos palestinos. No máximo, e quando lhes convém, recorrem à voz passiva (“palestinos morrem”) ou a uma forma perigosa de transformar áreas civis em alvos militares (“vila do Hezbollah” ou “centro de comando e controle do Hamas”).

Um **estudo** sobre a cobertura da grande mídia impressa dos EUA durante as primeiras seis semanas do genocídio em Gaza mostrou que “para cada duas mortes de palestinos, os palestinos são mencionados uma vez. Para cada morte de israelense, os israelenses são mencionados oito vezes”. Em outras palavras, na grande mídia, um israelense que morre será mencionado 16 vezes mais do que um palestino que morre. Essa tendência, que apaga e desumaniza as vítimas palestinas, parece ter se acelerado à medida que o número de palestinos mortos aumentou exponencialmente, com um número estimado de 114 mil mortos. Não há desculpa para essa cobertura abismal, que ignora o fluxo constante de informações fornecidas pelas reportagens ao vivo de um grande número de jornalistas palestinos e usuários de mídias sociais em Gaza, que correm enorme risco de vida, bem como o contexto mais profundo da ocupação, do *apartheid* e da guerra genocida dos EUA-Israel fornecido por uma ampla gama de análises.

Os programas de televisão são piores, pois qualquer posicionamento crítico diante do genocídio é forçado, de antemão, a se explicar (“Eu condeno o ataque de 7 de outubro do Hamas” ou “Eu condeno a invasão russa da Ucrânia”) para que a conversa possa prosseguir e, como muitos críticos não querem estruturar a discussão em torno dessa condenação, a **conversa** nunca avança. Esse ato ritual de condenação não é apenas um pedágio para uma conversa, mas uma concessão ideológica que reduz o espaço para um debate genuíno sobre os fatos de quando os conflitos e as crises começam, como entender a estrutura de um conflito e como melhor determinar os caminhos a seguir com base nessa avaliação histórica e estrutural de longo prazo. Esse tipo de discussão é chamado de análise de conjuntura, que fornece aos movimentos políticos e sociais os materiais para intervir e moldar o futuro e fundamenta o trabalho de nosso instituto. Esta carta semanal apresentará quatro textos que se baseiam em análises conjunturais, mas antes quero explicar o que essa análise implica.



Alia Ahmad (Arábia Saudita), *O campo*, 2022.

Atualmente, o problema com as informações não é apenas o conteúdo, mas também a forma. A velocidade das informações é impressionante, tornando quase impossível para uma pessoa interessada discernir o que é significativo e o que é verdadeiro. Fornecer um excesso de informações sem uma análise adequada e democrática e quase totalmente controlado por uma pequena oligarquia é sua própria forma de censura, esgotando o leitor e o espectador até a submissão. O que é *censurado* não é apenas a informação em si, embora isso ocorra mais do que admitimos, mas também o conhecimento e a sabedoria. A notícia permanece no nível do que *aconteceu*, sem explicar a maior parte do que aconteceu: ela não explica por que aconteceu, o que fez com que acontecesse ou suas possíveis consequências. Essa forma de relatório mente por omissão, pois os eventos não são estáticos nem singulares, mas fazem parte de um processo complexo.

As análises conjunturais são uma ferramenta importante para entender essa complexidade, pois buscam explicar o processo dinâmico da história em um determinado momento. Qualquer ponto no tempo está enraizado em um passado e em um futuro: o passado molda o presente, mas o presente também pressagia o que pode vir no futuro, dependendo de como se intervém agora. É por isso que as análises de conjuntura, derivadas de uma história de análise marxista e do trabalho dos movimentos políticos e sociais que as conduzem, estão enraizadas em quatro princípios:

1. **História.** Como os eventos não ocorrem isoladamente, mas fazem parte de um processo de longo prazo, deve haver uma distinção entre eventos incidentais ou ocasionais e eventos orgânicos ou estruturais.
2. **Totalidade.** Os eventos estão interconectados. Eles fazem parte de uma estrutura complexa que abrange várias possibilidades.
3. **Estrutura.** Os eventos ocorrem em uma estrutura que inclui aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais e na qual as pessoas são organizadas em classes e blocos de poder que interagem por meio de instituições e ideias.
4. **Política.** Os eventos devem ser compreendidos de forma ativa, o que significa perguntar como uma força política agirá para moldar o futuro, em vez de assistir passivamente ao desenrolar do futuro. Responder a essa pergunta requer uma análise minuciosa da natureza da formação de classes, do equilíbrio das forças políticas e das tradições culturais que poderiam promover uma determinada agenda política.



Nossos escritórios na Ásia, África e América Latina publicaram recentemente quatro textos baseados em análises de conjuntura:

1. *Nepal's Fight for Sovereignty [A luta do Nepal pela soberania]*, *The Millennium Challenge Corporation [Corporação Desafio do Milênio]*, e *US's New Cold War against China [A nova guerra fria dos EUA contra a China]* produzido em conjunto com *Bampanth* e escrito por seu editor-chefe, Dr. Mahesh Maskey, que também foi embaixador do Nepal na China. Esses textos estão disponíveis somente em inglês.
2. *A New World Born from the Ashes of the Old [Um novo mundo nascido das cinzas do antigo]* escrito por Hanna Eid e produzido com a contribuição da West African People's Organisation. Esse texto está disponível somente em inglês.
3. *La criminalización de los cultivadores como coartada imperialista: economía política de las drogas en Colombia* [A criminalização dos agricultores como álibi imperialista: economia política das drogas na Colômbia], pesquisado e produzido em conjunto com o Centro de Pensamiento y Diálogo Político e a Coordinadora Nacional de Cultivadores de Coca, Amapola y Marihuana na Colômbia e escrito por Karen Jessenia Gutiérrez Alfonso. Este texto está somente em espanhol.
4. *Revista Estudos do Sul Global*, que contém artigos sobre temas como imperialismo, o caráter das finanças em nossos tempos e o ritmo da luta de classes. Esta publicação está disponível apenas em português.

Escreverei sobre cada um desses textos com mais detalhes nos próximos meses, pois sua profundidade e qualidade nos ajudam a navegar além da superficialidade e do sensacionalismo que normalmente definem as análises do presente. Por exemplo, a intervenção de Maskey sobre a aceitação pelo governo nepalês de uma

subvenção do governo dos EUA elucidada a estrutura dinâmica da Nova Guerra Fria imposta pelos EUA na Ásia, enquanto a avaliação de Hanna Eid sobre a Aliança dos Estados do Sahel (Burkina Faso, Mali e Níger) nos permite entender a luta pela soberania na África Ocidental como um todo. O relatório sobre a guerra contra as drogas oferece uma janela para as **pressões** sobre o governo do presidente Gustavo Petro na Colômbia, o que exige o reconhecimento do papel da lucrativa máfia internacional das drogas no *establishment* político do país.



Anos atrás, visitei o quartel de Zacapa, cerca de duas horas a leste da Cidade da Guatemala. A cena no quartel era quase idílica, com seus muros de pedra cercados por pastos verdes, mas as sinistras torres de vigia conotavam o derramamento de sangue que ocorreu ali: foi onde Nora Paíz Cárcamo (1944-1967), Otto René Castillo (1934-1967), outros membros das Forças Armadas Rebeldes (FAR) e cerca de uma dúzia de

camponeses foram brutalmente torturados e queimados vivos. Tanto Nora quanto Otto eram membros do movimento comunista que lutou contra a ditadura guatemalteca; foram treinados na República Democrática Alemã e na União Soviética, respectivamente; e se juntaram à luta armada na Sierra de las Minas (nomeada em homenagem às minas de jade, mármore e amianto), onde foram mortos em março de 1967. Posteriormente, a mãe de Nora, Clemencia Cárcamo Sandoval, disse à comissão da verdade que o cadáver ensanguentado e fraturado de sua filha foi encontrado com paus fundidos nele, um sinal da brutalidade com que ela foi espancada. Dois anos antes de ser assassinado junto com seus companheiros, Otto, cujos belos poemas foram inspirados pelo poeta guerrilheiro salvadorenho Roque Dalton (1935-1975), escreveu uma elegia aos “intelectuais apolíticos”:

I

Um dia,
os intelectuais
apolíticos
de meu país
serão interrogados
pelo homem
comum
de nosso povo.

Perguntarão a eles
sobre o que fizeram
quando
a pátria se apagava
lentamente,
como uma fogueira doce,
pequena e solitária.

Não serão interrogados
sobre suas roupas,
nem sobre suas longas
siestas
depois do lanche da tarde,
tampouco sobre seus estéreis
combates com o nada,
nem sobre sua ontológica
maneira
de chegar às moedas.
Não serão interrogados
sobre a mitologia grega,
nem sobre o asco
que sentiram de si,
quando alguém, ao fundo,
se dispunha a morrer covardemente.

Nada será perguntado
sobre suas justificativas
absurdas,
crescidas na sombra
de uma mentira rotunda.

II

Esse dia verão
os homens comuns.
Que nunca couberam
nos libros e versos
dos intelectuais apolíticos,
mas que chegavam todos os dias
a lhes deixar o leite e o pão,
os ovos e as tortilhas,
os que costuravam suas roupas,
os que conduziam os carros,
os que cuidavam de seus cachorros e jardins,
e trabalhavam para eles,
e perguntarão,
“O que você fez quando os pobres
sofriam, e se queimavam com eles,
gravemente, a ternura e a vida?”

III

Intelectuais apolíticos
de meu doce país,
não poderão responder nada.
Abutres de silêncio devorarão
suas entranhas.
Roerão suas almas
sua própria miséria.
E ficarão calados,
com vergonha de si mesmos...

Cordialmente,

Vijay

